

“Toda Nudez Será Castigada” e “Despedida de Casado”: A Defesa da Família em Tramas na Censura das Diversões Públicas¹

Matheus da Conceição VIEIRA²
Graduando
Guilherme Moreira FERNANDES³
Doutor

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo

Este artigo possui como objetivo analisar a noção de família defendida por parte dos dirigentes e técnicos da Divisão de Censura às Diversões Públicas ao proibirem a telenovela *Despedida de Casado* e o filme *Toda Nudez Será Castigada*, ambas marcadas por possuírem a família como enredo central. A discussão se desenvolve a partir da justificativa dos censores ao defenderem a família tradicional nos jornais impressos, visto que o regime militar é caracterizado pela defesa da moral e bons costumes. Utilizamos essas concepções a partir da noção de “mentalidade” e “moralidade” expressas por Vovelle (1991), assim como Engels (1984), para pensarmos sobre o conceito e modelo de família implementada historicamente na sociedade.

Palavras-chave: Historiografia da Mídia; Diversões Públicas; Censura; Mentalidade Censória; Ditadura militar.

Introdução

O presente estudo é uma análise, no âmbito das mentalidades, das justificativas dos censores nos processos promovidos no esfera federal durante o regime militar no Brasil (1964-1985), mais especificamente na década de 1970, período onde a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) censurou o filme “*Toda Nudez Será Castigada*” (1973) dirigido por Arnaldo Jabor, baseado na peça teatral de Nelson Rodrigues como, também, proibiu a exibição da telenovela “*Despedida de Casado*” (1977), escrita por Walter George Durst, da TV GLOBO. Ambas as produções são caracterizadas por apresentarem enredo sobre a família como enredo central das histórias, além do fato de inicialmente serem

¹ Trabalho apresentado ao GT Historiografia da Mídia, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

² Graduando em Ciências Sociais (UFRB). Bolsista de iniciação científica do CNPq. E-mail: matheus.cisociais@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Adjunto do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRB. Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: guilherme.fernandes@ufrb.edu.br

liberadas e depois proibidas⁴. De acordo com as notícias dos jornais impressos *Jornal do Brasil*, *Opinião*, *Luta Democrática*, *Diário do Paraná*, *Correio Braziliense*, *O Pasquim*, *Manchete*, *Diário de Pernambuco*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, as duas obras foram consideradas, pelos censores, com caráter subversivo e uma afronta à moral da família tradicional.

Esta discussão faz parte de uma pesquisa de iniciação científica que possui como objetivo analisar a mentalidade dos censores no processo de censura às diversões públicas, através das justificativas expressas nos noticiários de jornal impresso. De acordo com Fernandes (2018), as ações censórias, no âmbito das diversões públicas, estavam relacionadas diretamente aos dirigentes do processo. Em escala hierárquica ocupavam o cargo: 1) Ministro da Justiça; 2) Chefe do Departamento de Polícia Federal; 3) Chefe do Serviço/Divisão de Censura de Diversões Públicas (SCDP/DCDP).

Para entendermos acerca da mentalidade, recorremos à visão de Michel Vovelle (1991). “O conceito de mentalidade se integra ao de ideologia, permitindo visualizar aquilo que poderia se conservar encoberto nas motivações inconscientes. Nesse sentido, as mentalidades remetem, invariavelmente, à lembrança, à memória, às formas de resistência”. (VOVELLE, 1991, p. 14-20)

Nesta perspectiva, a mentalidade, para Vovelle, tem a função de preservar memórias e identidades estabelecidas nas estruturas sociais: “restos de ideologias mortas [...], lembranças que resistem, o tesouro de uma identidade preservada, estruturas intangíveis e enraizadas”. (VOVELLE, 1991, p. 20). Através da sua obra *Ideologias e Mentalidades* (1991), buscamos entender a lógica da mentalidade imposta pelo regime militar na censura. “Considerando as mentalidades, é possível [...] interpretar atitudes e representações coletivas, mas também a forma como os grupos veem e narram sua própria história, fazendo, desta forma, a construção de sentidos.” (FERNANDES, 2019)

As mentalidades censórias efetivadas na censura se formaram ao longo dos séculos de formação da sociedade brasileira: “patrimonialismo e outros valores do conservadorismo, tais como família patriarcal, monogâmica, religiosidade católica, mulheres submissas, homens libertinos, desigualdade entre sexos...” (FERNANDES, 2018, p. 19-20).

⁴ No caso de “*Toda Nudez Será Castigada*” o filme primeiramente foi liberado com cortes. Depois proibido e liberado novamente após sucesso internacional. Já as chamadas de “*Despedida de Casado*” foram ao ar, porém, a telenovela não chegou a ser exibida ao público.

Como a discussão sobre família se faz presente nas expressões censórias, utilizamos o pensamento de Friedrich Engels (1984), no clássico *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, onde o autor aborda sobre as concepções de família a partir do materialismo histórico. A noção de família defendida por parte da censura é conceituada por Engels (1984). Ao analisar a obra do autor, Marcassa (2006) explica acerca dos casamentos monogâmicos:

Baseia-se no predomínio do homem, o qual tem como finalidade procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; exige-se essa paternidade porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão na posse dos bens de seu pai. Os laços conjugais são agora muito mais sólidos, cabendo somente ao homem rompê-los, a quem igualmente se concede o direito à infidelidade. Quanto à mulher, exige-se que guarde uma castidade e fidelidade conjugal rigorosa, todavia, para o homem não representa mais que a mãe de seus filhos (MARCASSA, 2006, p. 86-87).

Neste artigo, abordaremos a mentalidade censória nos discursos dos censuradores ao justificarem os vetos de *“Toda Nudez Será Castigada”* e *“Despedida de Casado”* nos principais jornais impressos de circulação, assim como as características da moralidade que eram representadas nos atos censórios, como a defesa da família, da moral e bons costumes.

A fonte de jornalismo impresso para a realização desta pesquisa é o acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional⁵ juntamente com o *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Estado de S. Paulo*. Utilizamos os termos: *“Toda Nudez Será Castigada”* e *“Despedida de Casado”* para encontrar edições de jornais que noticiaram os processos de produção e exibição das obras até a censura por parte do governo militar nos respectivos períodos de 1970 a 1979.

***Toda Nudez Será Castigada* e a Censura**

“Toda Nudez Será Castigada” com estreia em 1973, dirigido por Arnaldo Jabor, é uma adaptação cinematográfica da peça teatral de Nelson Rodrigues (1965). O filme ganhou o Urso de Prata do Festival de Berlim⁶ (Alemanha) e dois Kikitos de Ouro no Festival de Gramado⁷ nas categorias “Melhor Filme” e “Melhor Atriz” pela atuação de Darlene Glória, intérprete de Geni, uma das protagonistas da trama. Em 2015, foi apreciado como um dos

⁵ Portal de consulta pela internet ao acervo de periódicos (jornais, revistas, boletins e etc.) e de publicações seriadas no Brasil pertencentes a Biblioteca Nacional. São encontrados títulos desde o século XIX até XXI. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁶ Considerado o “segundo melhor filme” da premiação.

⁷ Premiação máxima do festival de Gramado.

100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (ABRACCINE)⁸.

O filme conta a história de Herculano (Paulo Porto), um homem de família burguesa, moralista, viúvo e pai de Serginho (Paulo Sacks), um garoto de 18 anos. Após a morte da esposa, Herculano fica em estado inconsolável e jura ao seu filho que jamais irá se apaixonar por outra mulher. Além de morar com o filho, mora também com três tias (Isabel Ribeiro, Henriqueta Brieba e Elza Gomes) e seu irmão Patrício (Paulo César Pereio), personagem que sustenta seus vícios em mulheres e bebidas com o dinheiro do próprio Herculano.

Ao ver seu irmão entregue a tristeza, Patrício acredita que a saída para a melhora do irmão é o sexo. Por isso, ele apresenta Geni (Darlene Glória), uma mulher branca, loira, cantora da noite e prostituta. Considerada muito bonita pelos sociedade, atrai olhares por onde passa, além de ter fila de homens a sua espera para um momento de sexo. Inicialmente, Herculano a rejeita por não a considerar mulher de verdade e ser “vagabunda”. Porém, certa noite ele fica bêbado e procura Geni, tendo um momento de amor com a prostituta sem lembrar de nada na manhã seguinte. Ao acordar e se dar conta do que fez, ele desfere diversas ofensas a ela e jura que aquilo jamais irá se repetir. Contudo, ele se apaixona por Geni, que só aceita que ele toque em seu corpo novamente se houver casamento.

Do outro lado, Serginho é um garoto super mimado pelas tias solteiras e com sérios problemas em superar a morte da mãe. Ele acredita que ela está viva e visita seu quarto toda noite para conversar com ele. Serginho tem uma personalidade autoritária e induz seu pai a realizar o juramento de não se envolver com outra mulher. Ao ver que Herculano casou-se com Geni, ele se revolta e acaba sendo preso após se envolver em uma briga de bar. Na prisão, Serginho é violentado e estuprado pelo ladrão boliviano. Vendo o filho machucado, Herculano culpa Geni por ter quebrado o juramento. No entanto, o filho busca vingança contra o próprio pai e se envolve com Geni, que se apaixona por Serginho e se mata após ele fugir com algoz, deixando uma fita gravada narrando toda a história e revelando a homossexualidade do filho ilibado.

De acordo com a Agência Nacional de Cinema (ANCINE), o filme foi visto exatamente por 1.737.151 de pessoas nas salas de cinemas do Brasil⁹. Martins (2012) descreve:

O filme deu um susto em todo mundo. Sua estreia no ‘Roxy’ foi um sucesso comercial e de crítica, uma rara combinação no cinema nacional. O público

⁸ Disponível em: <https://abraccine.org/2015/11/27/abraccine-organiza-ranking-dos-100-melhores-filmes-brasileiros/>. Acesso em: 31 maio 2021

⁹ Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2105.pdf>

entusiasmou-se com Darlene Glória no papel da prostituta Geni e aplaudia o filme no meio. A adaptação de Jabor era ao mesmo tempo fiel e criativa. Mas nem assim passou incólume pelo poder. (MARTINS, 2012, p. 224).

A direção de Arnaldo Jabor foi extremamente necessária, pois ele faz da sua obra uma crítica à sociedade e à política brasileira:

O momento Jabor insere-se num contexto do cinema brasileiro em que havia a procura de um cinema para o grande público disposto a encenar a vida cotidiana, as questões do mundo privado, fossem essas vistas ou não como mediação para pensar o momento do país em sua amplitude maior. Justamente para alcançar essa amplitude, Jabor projetou seu diálogo com Nelson Rodrigues num plano mais ambicioso do que o encontrado até aquele momento. (XAVIER, 2003 p. 185).

“O filme de Jabor [...] uma adaptação da obra de Nelson Rodrigues, foi visto pelos pareceristas da censura como carregado de erotismo e de cenas de nudez, com sentido negativo para a sociedade brasileira” (VEIGA, 2013, p. 7-8). Para os censores Luiz Carlos Aucelino e Vilma Duarte do Nascimento a película era negativa, sendo liberada somente para maiores de 18 anos após a exigência do corte de 4 cenas:

1. a palavra suruba e as cenas onde aparece um pederasta;
2. O gesto pornográfico que Geni faz batendo uma mão fechada na outra aberta;
3. A fala de Geni quando diz “perto de você fico molhadinha” e a de Herculano à Geni dizendo “vou deflorar você”;
4. Tirar a sequência que apresenta o ambiente policial como um antro de depravação e irresponsabilidade. (MARTINS, 2012, p. 223)

É importante destacar que o parecer acima foi o primeiro para liberação do filme, antes de sua estreia. Jabor chegou a escrever uma carta para a chefia da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) para reconsiderar os cortes das cenas citadas no parecer. Houve uma nova revisão, além de manter o veto da primeira avaliação, a censura acrescentou mais um corte, desta vez na cena em que Serginho foge com o ladrão boliviano. Desta forma, o filme foi liberado e pôde ser exibido ao público.

O *Jornal do Brasil* noticiou que o chefe do Departamento de Polícia Federal (DPF), general Antônio Bandeira, ordenou a proibição de 10 filmes já liberados pela censura, dentre eles: *Toda Nudez Será Castigada*¹⁰. De acordo com a orientação, não poderia autorizar para exibição filmes considerados subversivos ou eróticos, principalmente a temática do sexo. A

¹⁰ Noticiado pelo *Jornal do Brasil* em 23 jun 1973, 1º cad, p. 13.

repressão cinematográfica foi baseada no artigo 41, do decreto nº 20.493 de 24 de janeiro de 1946¹¹, onde se lê:

Art. 41. Será negada a autorização sempre que a representação, exibição ou transmissão radiotelefônica:

- a) contiver qualquer ofensa ao decoro público;
- b) contiver cenas de ferocidade ou for capaz de sugerir a prática de crimes;
- c) divulgar ou induzir aos maus costumes;
- d) for capaz de provocar incitamento contra o regime vigente, a ordem pública, as autoridades constituídas e seus agentes;
- e) Puder prejudicar a cordialidade das relações com outros povos;
- f) for ofensivo às coletividades ou às religiões;
- g) ferir, por qualquer forma, a dignidade ou o interesse nacionais;
- h) induzir ao desprestígio das forças armadas. (BRASIL, Decreto nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946)

O general Bandeira ordenou o recolhimento do certificado de liberação do DCDP, o filme passou novamente pela apreciação da censura, mas foi verificado pelos censores Gláucia Soares e Reginaldo Oscar de Castro que o filme estava de acordo com as diretrizes adotadas pela instituição, contudo, após solicitação de um novo parecer, Carlos Alberto de Souza (outro técnico da censura) apontou que o filme demonstrava “comportamento de pessoas desajustadas que [procuravam no sexo] a solução para seus desencontros. Encerra uma mensagem negativa e deformada da realidade dos nossos dias.” (MARTINS, 2012, p. 224)

Embora diversos pareceres foram elaborados solicitando a interdição de maneira definitiva da película, por considerar que a produção violava o decreto 20.493/46, o general Antônio Bandeira assinou a liberação do filme com as seguintes condições: cortar as cenas que mostravam os seios de Geni e as expressões “ladrão boliviano”. A obra cinematográfica pode então ser liberada.

Despedida de Casado: da Produção à Censura

“*Despedida de casado*” foi uma telenovela criada por Walter George Durst, que chegou a ser desenvolvida pela Rede Globo, porém mesmo possuindo os 30 primeiros

¹¹ O decreto é de 1946, utilizado pelo regime militar, sendo assinado pelo presidente José Linhares e referendada pelo Ministro da Justiça Antônio de Sampaio Dória. Isto demonstra que a censura no Brasil não foi somente um dispositivo de repressão da ditadura militar.

capítulos gravados e com chamadas no ar, não chegou a ser exibida devido a censura. A novela seria transmitida a partir de 04 de janeiro de 1977 no horário das 22 horas.

O enredo conta a história de três casais: Stela e Rafael (Regina Duarte e Antônio Fagundes) que após 12 anos de casados começam a enfrentar o desgaste do relacionamento; Roque e Lídia (Felipe Wagner e Maria Fernanda), um casal com ideias mais liberais, mas não sabem lidar com os adultérios de Roque; Rejane e Odilon (Rosamaria Murtinho e Nelson Caruso) que são separados e possuem três filhos. Rejane mora com sua filha mais nova (Isabela Garcia), passando por uma série de dificuldades financeiras por conta do término do casamento e por muitos anos ter sido dependente do ex-marido, enquanto os dois filhos mais velhos moram com o pai...

Estes casais são pacientes do Dr. Laio Alvarenga (Cláudio Marzo), um psicanalista profissional em relacionamentos que passam por conflitos. A sua missão é fazer com que os casais consigam superar suas diferenças e permaneçam juntos.

Em 24 de dezembro de 1976, o jornal *Diário do Paraná* divulgou a censura à *Despedida de Casado* por parte de Rogério Nunes, diretor do Departamento de Censura às Diversões Públicas, mas ele se negou a revelar os motivos sem autorização do coronel Moacyr Coelho, chefe da Polícia Federal¹². Todavia, sete dias depois, Nunes justificou no mesmo jornal¹³, que vetou a exibição da novela “porque pregava o amor livre, a dissolução do casamento e o ódio entre pai e filho, ou seja, os motivos da separação de um casal eram muito fortes.” *O Pasquim* comunicou que a telenovela foi proibida por “atentar contra os bons costumes, além de conter referências políticas inconvenientes.”¹⁴

Após a censura, Walter Durst relatou ao jornal *Luta Democrática* que a novela era conservadora, além do mais, tinha a função de prestar um serviço à população e levar até ela o conhecimento de que a psicanálise pode salvar o relacionamento de muitos casais. “Só pode ter havido um mal entendido na censura.”¹⁵. Em entrevista ao *Correio Braziliense*, o autor explicou:

[...] Dizem que pregava a dissolução do casamento, o ódio do pai para o filho, mas assim mesmo não tem nada disso. A sensação que tenho quando ouço essas coisas é a de que estão se referindo a outra novela. Porque justamente esta aí prega exatamente o contrário, não tem qualquer dissolução do casamento. É uma análise do relacionamento homem-mulher, pega três casais que vão solucionar seus problemas. A novela se propõe quase a ser uma terapia de grupo. Então, as acusações são o contrário do que a novela se propunha [...] Queríamos falar sobre um problema atual.

¹² Noticiado pelo *Diário do Paraná*, 24 dez 1976, p. 1.

¹³ Noticiado pelo *Diário do Paraná*, 31 dez 1976, 1º cad, p. 9.

¹⁴ Noticiado pelo *O Pasquim*, 31 dez 1976 a 06 jan 1977, p. 21.

¹⁵ Noticiado pelo *Luta Democrática*, 05 jan 1977, p. 6.

E percebemos que o amor, o relacionamento, é um tema atual evidentemente de maior importância e sobre qual seria possível, fazer um bom e honesto trabalho. Dizer a verdade sobre a arte de amar hoje, que é uma complicação. (CORREIO BRAZILIENSE, 18/01/1977, p.32)

As indignações não somente atingiram os criadores da trama. A novela marcaria o retorno de Regina Duarte a televisão após dois anos afastada. Antônio Fagundes lamentou por deixar de interpretar um personagem considerado interessante. Rosamaria Murtinho demonstrou sua revolta:

Seria uma forma de mostrar ao grande público que os doidos não vão ao psiquiatra; na verdade os que procuram o médico são pessoas precisando de ajuda para resolver seus problemas existenciais [...] Trata de pessoas, três casais que atravessam crises em seu relacionamento e buscam um terapeuta para sanar esses problemas. Como seria mostrado pela primeira vez pela televisão poderia causar discussão quanto à forma de resolver as dificuldades, mas esta polêmica é ponto de partida de qualquer obra artística. (MANCHETE, 08/01/1977, p. 14 -15)

Mesmo após a promulgação da lei 6.515/77 que dispõe sobre a dissolução do casamento, a Rede Globo não desistiu de exibir a novela. Em janeiro de 1978, J.B de Oliveira Sobrinho¹⁶ escreveu uma carta endereçada a Rogério Nunes, pedindo o reexame da produção, porém a novela nunca foi liberada. Em virtude da não exibição, no âmbito das pesquisas, não são encontrados muitos dados e acontecimentos da história dos personagens.

A emissora nunca chegou a divulgar os capítulos gravados da novela, apesar da censura ser extinta com a formulação da Constituição de 1988. Em recentes pesquisas, apenas encontramos dois vídeos curtos no total de três minutos, entre 2013 e 2015, lembrando a história da novela através do programa “*Video Show*”, disponível na *Globoplay*. Além disso, há um vídeo disponível no “*Youtube*” com um trecho de trinta minutos de um dos capítulos da novela¹⁷.

Mentalidade Censória e a Moralidade: Expressão da Censura em Defesa da Família

¹⁶ Mais conhecido como Boni, é um empresário, publicitário e diretor de TV. Em 1978 era superintendente de produção e programação da Rede Globo de Televisão.

¹⁷ *Despedida de Casado* (1977) - Novela Censurada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dunSrn6aPcA&t=43s>
Relembre a novela *Despedida de Casado*, que foi censurada. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2799926/>
Relembre cenas da novela *Despedida de Casado*, que foi censurada nos anos 70. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4502630/>

A censura foi um dos principais instrumentos de controle durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Costa (2012) destaca que a principal motivação do ato censório e que o caracteriza é seu “cunho ideológico”.

Para entender o cunho ideológico da ditadura militar, precisamos remeter ao principal elemento que alimentou a justificativa do golpe: o anticomunismo, pregado pelos principais articuladores e apoiadores do regime. Nos primeiros dias após o começo do governo militar, o jornal *Estado de S. Paulo*, através de notas informativas, já demonstrava necessidade da erradicação total de ameaças comunistas, como também o medo e preocupação que atravessava o pensamento de parte das pessoas “[...] Enquanto não se concluir a erradicação do comunismo, não se poderá dizer que tenhamos voltado à normalidade legal e à tranquilidade e a segurança da vida democrática. [...]”¹⁸. Cabe destacar que essa camada da população não era composta somente por militares, mas por civis, cristãos, empresários, políticos e conservadores. Ulbrich et al. (2019) expressa:

A evocação dos católicos contra o comunismo e seus adeptos tinha como respaldo a ideia de que o comunismo contrariava princípios e moralidades cristãs, como em relação à permissão do aborto, do divórcio e da educação sexual e à equidade entre homens e mulheres, sendo, portanto, uma ameaça à família. (ULBRICH, 2019, p. 20-21)

Desta forma, houve manifestações e campanhas no Brasil em defesa da moral e bons costumes pregados pela ideologia cristã, como por exemplo a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. A moralidade conservadora se perpetuou como a moralidade do regime militar, tendo atuação principalmente sobre a censura, restringindo obras contrárias às ideologias do clero e do governo. Nesta perspectiva, o filme “*Toda Nudez Será Castigada*” não passou despercebido pelos técnicos da Divisão de Censura. O filme faz uma crítica ao modelo de família tradicional pregado pela sociedade brasileira. Apesar de ser uma afronta aos ideais defendidos pelo regime militar, o autor da obra Nelson Rodrigues era considerado de direita fascista, conforme relatou Arnaldo Jabor, diretor do filme, em entrevista à *Folha de S. Paulo*¹⁹. O jornalista e crítico de cinema José Geraldo Couto descreveu:

Em suas peças de teatro, romances, contos e crônicas pulsa toda a cultura urbana do país - sobretudo do Rio -, com seus bicheiros e prostitutas, seus funcionários públicos

¹⁸ Acervo Estadão. O Estado de São Paulo, 04/04/1964, p.3. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19640404-27285-nac-0003-999-3-not> Acesso em 30 mai 2021

¹⁹ Folha de São Paulo. A ideologia brutal. 16/04/1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/16/mais/8.html> . Acesso em: 30 mai 2021

e jogadores de futebol, seus macumbeiros e rufiões, suas ninfetas e madames. Poucos artistas, também, retrataram de forma tão implacável a moral (ou a falta dela) da classe média e dos marginalizados do país. Essa sua predileção pelo lado escuro da alma humana lhe valeu não poucos problemas. [...] Nelson Rodrigues sempre foi sinônimo de polêmica - e quase sempre de sucesso popular. (FOLHA DE S. PAULO, 16/04/1995)²⁰

O jornal *Opinião (RJ)* divulgou a entrevista de Fábio Alves da Silva, presidente da Associação Profissional das Empresas Exibidoras Cinematográficas de Minas Gerais. Para ele a película “transmite uma mensagem de violência, sexo e pederastia”. Ainda destacou que o filme “foi exportado e leva a imagem da mulher errada e do homem errado brasileiro”. Acreditando que quem assistisse o filme poderia achar que toda mulher no Brasil era prostituta e homem homossexual. O Movimento Por Um Mundo Cristão escreveu uma carta de solidariedade aos exibidores (contrários ao filme) se mostrando “contente” e “sensibilizado” com a “bravura física e a linha patriótica” contra a “escola de delinquentes e de deformação de caráter” (crítica aos filmes que vinham sendo produzidos no país)²¹.

Percebemos através do pareceres dos técnicos da Divisão de Censura das Diversões Públicas e ações adotadas pelo chefe da Polícia Federal, general Antônio Bandeira, que as mentalidades propagadas através dos jornais impressos tinham diversas peculiaridades: 1) preconceito as diferenças - pela solicitação da exclusão cena em que aparece o personagem homossexual Odésio (Sérgio Mamberti) e a fuga de Serginho com o ladrão boliviano; 2) religioso - os censores acreditavam, baseados nos ensinamentos cristãos, que o corpo é um templo sagrado e assim como o ato sexual, são concepções divinas que deveriam ser praticados somente entre duas pessoas de gêneros diferentes e todas as pessoas deveriam seguir essa doutrina; 3) machista - ao solicitarem as exclusões das cenas em que Geni mostra os seus seios, pois na moralidade cristã, a mulher deve ser submissa e se mostrar nua somente ao marido, após o casamento diante de um líder escolhido por Deus; 4) militar - a instituição militar é vista como algo maior, ambiente de disciplina e respeito, por isso a censura da cena em que Herculano chega a delegacia para procurar pelo seu filho.

Ao pensarmos o ponto de vista dos censores sobre o enredo do filme, analisamos o pensamento de Engels (1984) sobre a prostituição vivida por Geni e sua relação com Herculano. Nas cenas, diversas vezes a protagonista é vista como “vagabunda”, “descarada” e “mulher pública” por trabalhar oferecendo prazeres sexuais aos homens, mas em nenhum momento Herculano ofende os homens que a procuravam. “Aquilo que para a mulher é um

²⁰ Folha de São Paulo. O autor foi sempre sinônimo de polêmica. 16/04/1995. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/16/tv_folha/7.html . Acesso em: 30 mai 2021

²¹ Noticiado por *Opinião*, 01 a 10 nov 1973. p. 23.

crime de graves consequências legais e sociais, para o homem é algo considerado honroso, ou, quando muito, uma leve mancha moral que se carrega com satisfação”. (ENGELS, 1984, p. 82) Essa lógica no filme explica o arrependimento de Herculano após passar a primeira noite com Geni, pois a prostituição é vista como algo que fere a honra do homem, muito mais do que a mulher. “A prostituição, entre as mulheres, degrada apenas as infelizes que caem em suas garras, e mesmo a estas num grau menor do que se costuma julgar. Em compensação, envilece o caráter do sexo masculino inteiro” (ENGELS, 1984, p. 82).

Para o autor, a prostituição é produto do fim do matrimônio monogâmico (relacionamento com apenas um cônjuge) no regime patriarcal, na qual a mulher tem a função de submissão ao marido e ser responsável pelo ambiente doméstico e seus filhos, não conseguindo desenvolver a força do trabalho e adentrar na indústria. A prostituição é vista como necessidade de sobrevivência. Porém, o autor destaca que para isso acabar, é necessário haver igualdade entre homens e mulheres, filhos educados publicamente, mulheres nos espaços de trabalho e o fim do relacionamento monogâmico.

No aspecto da novela “*Despedida de casado*”, a mentalidade na censura continuou com as mesmas concepções. Walter Durst declarou em entrevista para *O Globo*: “O governo considerou que a narrativa era prejudicial à moral e aos bons costumes. Isso porque tocava em assuntos considerados polêmicos envolvendo problemas relacionados ao casamento e aos valores familiares.”²²

Evidentemente há defesa da família tradicional enquanto instituição e elemento religioso, Rogério Nunes apontou os motivos mostrados pela censura: amor livre, infidelidade conjugal, adultério, ódio no seio da família, desrespeito e casamento como instituição falida. O jornalista Ferreira Netto apoiou a censura a película e reafirmou em sua coluna no *Diário de Pernambuco*: “Estimulando o desrespeito às instituições, ou temas ousados, até imorais, pregando-se o desrespeito a família, a desagregação da sociedade, a subversão dos costumes, conflitos entre pais e filhos, a desmoralização entre casais.”²³

Até 1977, o divórcio dos casados não era muito comum no Brasil de modo jurídico, somente sendo regulamentado com a lei nº 6.515/77 que dispõe sobre as diretrizes da dissolução do casamento. O regime militar ao buscar esconder para o telespectador a realidade das vivências de diferentes matrimônios, como os que seriam explicitados em

²² Acervo O Globo. ‘Despedida de casado’, novela da TV Globo, é censurada pela ditadura em 1976. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/despedida-de-casado-novela-da-tv-globo-censurada-pela-ditadura-em-1976-20572195> . Acesso em: 30 mai 21

²³ Coluna no *Diário de Pernambuco*, 30 dez 1976. p. 30.

“*Despedida de Casado*”, coloca em evidência seu compromisso conservador em defender o casamento como um ato divino e honroso perante os homens, com alto valor significativo na relevância social do indivíduo.

Podemos destacar que a mentalidade censória no âmbito da censura às diversões públicas no governo militar, especificamente nesses dois casos analisados, estava baseada no cunho ideológico, defendendo a sociedade de toda ameaça considerada comunista que atentasse contra as instituições políticas assim como as religiosas. Nestas esferas, englobam-se a defesa do militarismo, da moral, bons costumes e, principalmente, da família, composta por um homem e uma mulher com seus filhos e não reconhecendo outras diferentes composições de família. Cabe enfatizar que a Igreja Católica neste momento, possuía diálogo direto com as instâncias superiores governamentais, assumindo o protagonismo juntamente com os militares na preservação e propagação da ordem moral oriundo da doutrina da ideologia cristã.

Considerações finais

Observamos que a sociedade civil no governo militar estava sobressaltada pelo medo de uma possível ameaça comunista, com objetivo de perseguir a Igreja Católica e tudo aquilo proveniente de suas crenças. Neste meio encontra-se a família como elemento sagrado perante a divindade superior. Friedrich Engels explica a estrutura elementar da família com base em estudos antropológicos de sociedades históricas. Evidenciamos neste trabalho duas noções específicas: a monogamia e a prostituição.

Michel Vovelle demonstra como a mentalidade é regida pela defesa da ideologia procedente da memória e das lembranças. É um pensamento que nos permite entender as representações coletivas, nesta pesquisa especificamente, como os militares e o clero agiam através do seu cunho ideológico sobre a censura para defender a concepção religiosa de casamento e família.

Como destacamos, esta análise é um recorte do nosso estudo das mentalidades dos ministros da Justiça, diretores do Departamento de Polícia Federal e agentes censórios do Departamento de Censura às Diversões Públicas, relatados através dos jornais impressos. Nossa intenção, de fato, é analisar as expressões marcantes de todos que passaram pelos cargos citados do ano de 1968 até 1988, quando foi extinto o órgão de censura no país.

“*Toda Nudez Será Castigada*” foi um dos filmes brasileiros mais aclamados da década de 1970, além de ser um marco na carreira de Darlene Glória e fenômeno de bilheterias. Muitos jornais narram o sucesso do filme, porém sua censura foi vista como surpresa para os produtores. Uma proibição contra a nudez, homossexualidade, mulheres e a favor das famílias, moral e bons costumes, da mesma maneira que aconteceu com “*Despedida de Casado*”, uma novela com elenco de peso e muito esperado pela crítica, por justamente ser escrita por Walter Durst, responsável por “*Gabriela*”, adaptação da obra literária de Jorge Amado, que marcou sua estreia na TV GLOBO.

Vale ressaltar que, neste escrito, abordamos as expressões do general Antônio Bandeira e coronel Moacyr Coelho, que ocuparam o cargo de chefe da Polícia Federal em anos diferentes, e Rogério Nunes, chefe do DCDP e aliado de Coelho; nas notícias lidas seus nomes estavam sempre ligados. Da mesma forma foram mencionados jornalistas, atores, diretores e escritores. O período foi marcado de um lado pela atuação do governo em manter a ordem moral e cívica, do outro, a arte atuou para mostrar a realidade e confrontar a hipocrisia da parcela tradicional e defensora dos bons costumes da sociedade brasileira.

Referências:

Legislação:

BRASIL. Decreto nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946. Aprova o regulamento do Serviço de Diversões Públicas do Departamento Federal de segurança pública. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20493-24-janeiro-1946-329043-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acesso em 30 mai 2021

BRASIL. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16515.htm . Acesso em 30 mai 2021

Jornais:

CENSURA VETA MAIS UMA TELENOVELA. **Diário do Paraná**. Curitiba, Ano 22, nº 6.473, 24 dez 1976. p. 1.

“DESPEDIDA DE CASADO” CORTADA PELA CENSURA. **Correio Braziliense**. Brasília, 2º cad. Nº 5.122, 18 jan 1977. p. 31.

DPF PROÍBE 10 FILMES JÁ LIBERADOS. **Jornal do Brasil**, 1º cad. Rio de Janeiro, Ano 73, nº 76, 23 jun 1973. p. 13.

NO AR: FERREIRA NETO. **Diário de Pernambuco**. Recife, Ano 152, nº 351, 30 dez 1976. p. 30.

NOVELISTA BUSCA TEMA PARA A NOVELA DAS 10. **Luta democrática**. Rio de Janeiro, Ano 24, nº 05 jan 1977. p. 6.

NUNES EXPLICA A NOVELA SOBRE A CENSURA DA GLOBO. **Diário do Paraná**, 1º cad. Curitiba, Ano 22, nº 6.478, 31 dez 1976. p. 9.

O MANIFESTO DOS EXIBIDORES. **Opinião**. Rio de Janeiro, nº 52, 01 - 10 nov 1973. p. 23.

PASQUIM TIVÊ. **Pasquim**. Rio de Janeiro, ano 8, nº 392, 31 dez 1976 - 06 jan 1977. p. 21.

ROSA MARIA MURTINHO NÃO COMPREENDE AS RAZÕES DA DISCRIMINAÇÃO. **Manchete**. Rio de Janeiro, nº 1.290, 08 jan 1977. p. 14-15.

Referências bibliográficas:

COSTA, Maria Cristina Castilho. Isto não é censura – a construção de um conceito e de um objeto de estudo In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado** 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FERNANDES, Guilherme Moreira. Censura às Diversões Públicas: a mentalidade censória de Armando Falcão. In: XII Encontro Nacional de História da Mídia, 2019, Natal-RN. **Anais ...** Porto Alegre-RS: Alcar, 2019. v. 12. p. 1-16.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **Mentalidade Censória e Telenovela na Ditadura Militar**. 2018. 439f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MARCASSA, Luciana Pedrosa. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado - Friedrich Engels** [Resenha]. Revista de Educação (Itatiba), v. 9, p. 85-90, 2006.

MARTINS, William de Souza Nunes. A censura cinematográfica aos filmes nacionais durante a ditadura civil-militar. **POLHIS. REVISTA BIBLIOGRÁFICA DEL PROGRAMA INTERUNIVERSITARIO DE HISTORIA POLÍTICA**, v. 9, p. 208-231, 2012.

ULBRICH, Cláudio César Foltran. IACOMINI, Luca Lima ; TRESKA, Luana de Oliveira Correa; FRIZZO, Matheus Kochani ; NIWA, Lorena Illipronte. A ameaça comunista no Brasil e a teoria de

Michel Schooyans para a reação dos católicos do começo dos anos 1960. **CADERNOS DE CLIO**, v. 10, p. 11-33, 2020.

VEIGA, Ana Maria. Filme de mulher liberada? Corta! Uma história de cinema e censura. In: **Fazendo Gênero**, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero, 2013.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. 2ª Ed. Trad. Maria Julia Cottvasser. São Paulo: Brasiliense, 1991.

XAVIER, Ismail. **O Olhar e a Cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo**, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003